

---

## Líderes políticos em (des) compasso: Discursos de Jair Bolsonaro No Twitter em Tempos de Pandemia<sup>1</sup>

Bianca Garrido <sup>2</sup>  
Cleusa Maria Andrade Scroferneker<sup>3</sup>

### Resumo

No presente artigo apresentamos os resultados das análises desenvolvidas no período compreendido entre 16 de março de 2020 a 31 de agosto de 2020, sobre as estratégias discursivas utilizadas pela principal liderança política brasileira no Twitter durante a pandemia de Covid-19. A nossa opção pelo Presidente da República como a liderança a ser analisada, deveu-se a sua representatividade como chefe da Nação, por apresentar um perfil de liderança política que estimula e desafia a nossa compreensão. A escolha pelo Twitter se dá pelas suas diferentes funcionalidades, uma “[...] arena atemporal, híbrida” de formação da opinião pública e de discussão, trocas, diálogos e manifestações” (SAAD CORRÊA, 2015, p. 8) e que estimula o usuário a responder à pergunta: O que está acontecendo?

### Palavras-chave

Comunicação; Liderança; Covid-19.

### Corpo do trabalho

Com mais de 33 milhões de casos registrados e cerca de 676 mil mortes (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2022), o Brasil enfrenta desde março de 2020 uma das mais significativas e impactantes crises sanitárias da sua história. Em todo o mundo, são 564 milhões de casos e quase 7 milhões de mortes (JHU.EDU, 2022).

A atuação do presidente Jair Bolsonaro por diversos momentos ficou marcada pela negação em relação à gravidade dos fatos relacionados à Pandemia, além da defesa de tratamentos sem eficácia comprovada contra a Covid-19 (SANTOS, 2020), entre outros

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Relações Públicas e Comunicação Organizacional, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutora em Comunicação Social pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Mestre em Comunicação Social pela mesma instituição. Membro do Grupo de Pesquisa em Estudos Avançados em Comunicação Organizacional – GEACOR/CNPq. E-mail: bianca.garridodias@gmail.com.

<sup>3</sup> Professora Titular da Escola de Comunicação, Artes e Design – Famecos da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Pós-Doutorado e Doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo. Coordenadora do Grupo de Pesquisa GEACOR/CNPq. Bolsista Produtividade CNPq 2. E-mail: scrofer@puers.br

---

posicionamentos. Em seus discursos em redes sociais como o Twitter, por exemplo, no período entre 20 de março e 31 de agosto de 2020<sup>4</sup>, Bolsonaro citou a Cloroquina nove vezes, mais que a palavra saúde, mencionada seis vezes. Vida, palavra que precisaria ser celebrada quando muitos perguntavam sobre o real sentido de tudo que estava ocorrendo, foi referida apenas uma vez, assim como Vacina. Emprego, Desemprego e Economia, por sua vez, são expressões presentes em mais de 15 publicações. A partir de pesquisas realizadas no referido período, foram constatadas narrativas discursivas com disputas de interesses e de sentidos ideológicos (ORLANDI, 2005). Não-ditos que tudo dizem pela análise histórica, que busca uma repetição, ou que se destina a ser interpretação ou “escuta de um já-dito que seria, ao mesmo tempo, um não-dito, em jogos de uma “ausência sempre reconduzida” (FOUCAULT, 2008 p. 28).

Para Foucault (1999), o poder não se dá, nem se troca, nem se retoma, é essencialmente o que reprime – a natureza, os instintos, uma classe, indivíduos. Também não é um bem possuído por todo ser humano e que pode ser somado ou subtraído por meio de contrato, mas enquanto relação de força que se exerce em rede, na qual “não só os indivíduos circulam, mas estão sempre em posição de ser submetidos a esse poder e também de exercê-lo” (FOUCAULT, 1999, p. 35). O poder para o autor, não é concebido como algo ao qual se pode atribuir o status de digno ou indigno; é “coisa que circula” (FOUCAULT, 1999, p. 35), não se estabelece de modo único nem em um só sentido. Os líderes precisam estar “preparados” para atuar com o novo, com o dissenso (MARQUES; MAFRA, 2017), buscando promover o diálogo (BOHN, 2005; BUBER, 2009) e a compreensão, “[...] com a pluralidade dos outros e com o mundo” (SODRÉ, 2006, p. 68). A figura do líder personifica um corpo social formado por um “conjunto de indivíduos antes dispersos”, e suas vontades precisam representar desejos coletivos, resultado de um poder simbólico, “poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 2012 p. 7-8). Na política, o ‘líder’ representa ao outro, torna presente este outro, que são muitos e não estão lá. Mas o veem, pois “O poder de representar é

---

<sup>4</sup> Os resultados referem-se a Tese de Doutorado defendida em março de 2022, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUCRS, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cleusa Maria Andrade Scroferneker.

---

concedido pelo indivíduo que, assim, estabelece uma relação de força inversa” (WEBER, 2009, p. 12).

Além dos fatos narrados acima, o Ministério da Saúde, principal órgão responsável pelas políticas públicas na área, na instância federal, esteve sob o comando de quatro ministros. Os dois primeiros, Luiz Henrique Mandetta, médico e ex-deputado federal pelo Partido Democratas, e o oncologista Nelson Teich, que esteve à frente da pasta por 28 dias - ingressou em 17 de abril de 2020 e saiu em 15 de maio de 2020 - divergiam do Presidente da República, Jair Bolsonaro, na condução das políticas públicas na área da saúde e principalmente sobre a recomendação do uso da cloroquina em pacientes que procurassem os hospitais desde os primeiros sintomas.

Eduardo Pazuello esteve na pasta como interino até 16 de setembro de 2020 e, como titular, até 15 de março de 2021, em uma gestão marcada pela militarização do Ministério (nomeação de militares para postos estratégicos) (G1, 2021) e por um discurso alinhado ao do presidente, o que incluiu a defesa do tratamento precoce. Desde 23 de março de 2021, o ministro é o médico cardiologista Marcelo Queiroga, que obteve sucesso com a vacinação, apesar de contradições na condução do órgão.

### **Análise**

No presente artigo propomos analisar as estratégias discursivas do Presidente da República, Jair Bolsonaro, durante o período em questão. Para viabilizar a pesquisa optamos por uma abordagem interpretativa (THOMPSON, 2011), recorrendo a análise de discurso proposta por Orlandi (2005) e Pêcheux (1999). Consideramos para a análise, a ambiência digital, espaço que permite a “interconexão geral de tudo em tempo real” (LÉVY, 2000, p. 66), um hiperespaço plural [...] em um sistema de trocas e reciprocidade” (SANTAELLA, 2013, p. 45), que afeta as relações sociais em todos os níveis, na comunicação, nas relações pessoais, interpessoais, no trabalho, nas instituições, na indústria” (TERRA, 2010, p. 128). Bolsonaro pauta a imprensa pelas redes sociais, entre elas o Twitter, “ágora digital global: universidade, clube de entretenimento, ‘termômetro’ social e político, instrumento de resistência civil, palco cultural, arena de conversações contínuas” (SANTAELLA; LEMOS, 2010a, p. 66) e que utilizaremos para análise.

Os acontecimentos analisados levam a não ditos e já ditos, transparências e opacidades, peculiaridades e generalizações, contextos e detalhes, condições de produção heterogêneas, sujeitos em jogo e de posições distintas, enfim, lugares e efeitos de sentido que tivemos de recortar metodologicamente para “encontrar”<sup>5</sup>.

Em nossa Tese foram definidos acontecimentos durante o período delimitado: a divulgação da primeira morte por Covid-19 no Brasil; a demissão do cargo do primeiro ministro da Saúde do governo Bolsonaro, Luiz Henrique Mandetta; o pedido de demissão do então ministro da Justiça, Sergio Moro; a divulgação, pela Revista *The Intercept Brasil* de rachadinhas no antigo gabinete de Flávio Bolsonaro, filho do presidente, na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, e o envolvimento da família Bolsonaro com as milícias da capital carioca; o pedido de demissão do ministro da Saúde que substituiu Mandetta, Nelson Teich; e o retorno gradual das atividades comerciais e de aulas presenciais nas escolas em alguns estados do País.

Devido ao extenso material – 153 publicações – e com a proposta de uma melhor visualização desses materiais inclusos no *corpus*, e atentando para características presentes nesses discursos, optamos por classificá-los a partir de três categorias: Agenda/Governo, com 76 publicações, relacionadas a ações do governo com foco na economia, como liberação de créditos, renegociação de dívidas, mudanças em tarifas, Auxílio Emergencial, entre outras. A segunda Ações Pró e Contra Covid, com 42 posts, versa sobre publicações de Bolsonaro relacionadas à área da Saúde, como a compra de insumos para hospitais, máscaras de proteção, respiradores, testes de Covid-19, abertura de leitos de UTI, além de postagens relacionadas ao tratamento precoce com Cloroquina e Hidroxicloroquina, apoiado pelo presidente, mesmo sem comprovação científica. Na terceira categoria, Apologia, com 35, analisamos a saída do cargo do então ministro da Justiça e Segurança Pública, Sergio Moro e as estratégias discursivas utilizadas por Bolsonaro para vangloriar-se de suas qualidades enquanto gestor – compartilhando vídeos

---

<sup>5</sup> Expressão utilizada pelas autoras

---

de jornalistas, políticos ou pessoas comuns, incluindo crianças, e elogiando a gestão da pandemia.

Para esse artigo, apresentaremos um recorte a partir de quatro manifestações de Bolsonaro na categoria Ações pró e contra Covid-19, em que apontamos a “campanha” do sujeito em questão pelo tratamento precoce, indo de encontro a medidas sanitárias internacionais, entre outras ações. Em nossas primeiras análises, iniciadas em 16 de março de 2020, predominavam no Twitter do presidente a divulgação de ações com foco na economia e uma narrativa contra governadores e prefeitos que, sem uma articulação nacional, emitiam decretos para o fechamento de estabelecimentos comerciais/escolas e restringiam inclusive a circulação de pessoas em algumas capitais.

Passados alguns dias após o primeiro óbito, registrado em 12 de março, e com o avanço em ritmo acelerado (SANAR SAÚDE, 2020) do coronavírus, foram realizadas articulações entre os setores público e privados para compra de insumos, máscaras de proteção, testes rápidos, equipamentos de proteção individual (EPIs) para profissionais da saúde, além da fabricação e distribuição de álcool em gel para a higienização das mãos.

Weber (2020, p. 221) considerou o fenômeno como um “paradoxo da visibilidade”, ocasionado pelo acontecimento público pandemia, em que grandes empresas investiram milhões, já atentando para o fato de que esse dinheiro poderia ser revertido em imagem pública. A Vale, por exemplo, empresa responsável por duas das maiores tragédias brasileiras<sup>6</sup>, comprou 5 milhões de testes rápidos do exterior e doou para o Ministério da Saúde. Com a ação, foram conquistados espaços de mídia espontânea, principalmente no Jornal Nacional, da Rede Globo, que, como já referimos, publicou semanalmente matérias relatando *cases* de Solidariedade, o nome do quadro.

---

<sup>6</sup> Em 25 de janeiro de 2019, o rompimento da barragem da mina do Córrego do Feijão, em Brumadinho, Minas Gerais, matou 272 pessoas, e outras 10 continuam desaparecidas. Em 2005, em Mariana, também em Minas, a barragem da Samarco, cujas donas eram a Vale e BHP Billiton, rompeu-se, provocando 19 mortes. Além de destruir casas, o mar de lama devastou o Rio Doce e atingiu o mar no Espírito Santo (G1, 2021).

A primeira publicação nessa categoria no Twitter de Bolsonaro data de 18 de março de 2020 (Figura 01) e se refere à coletiva de imprensa realizada por Mandetta, que ainda estava no cargo, sobre testes de vacinas em humanos.

**Figura 01** – Post de Jair Bolsonaro referente à entrevista coletiva de Mandetta sobre os primeiros testes de vacina contra a Covid-19.



Fonte: Twitter Jair Bolsonaro (2020).

Necessário referir a importância da mensagem, considerando tratar-se de um “respiro”, uma “esperança” em meio à insegurança e à incerteza, e o efeito de sentido dessa publicação provoca uma polissemia, misturada à paráfrase, ao se imaginar quando a vacinação poderia chegar ao Brasil – longos meses se passaram até 17 de janeiro de 2021, data em que a primeira brasileira recebeu a imunização contra a doença - após a aprovação do uso emergencial, pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), a enfermeira Mônica Calazans, de 54 anos, foi vacinada com a Coronavac, desenvolvida pelo Instituto Butantan, de São Paulo. Desde lá, 79,8% da população já foi imunizada com o ciclo completo (GOV.BR, 2022).

Atentamos para o fato de que é a única vez, no período que corresponde ao nosso *corpus* de análise, que Bolsonaro fala em vacina ou vacinação. Em setembro de 2020, a Secom produziu uma peça publicitária com uma frase de Bolsonaro: “Ninguém pode obrigar ninguém a tomar vacina“. Na peça, sobre uma foto do presidente na rampa do

---

Planalto, há uma frase em destaque: "O governo do Brasil preza pelas liberdades dos brasileiros".

A imagem de Mandetta em uma coletiva (Figura 01) também nos remete ao fato (paráfrase) de que, desde os primeiros casos registrados no Brasil, até o dia posterior a sua demissão, 17 de abril, o Ministério organizava encontros diários com a imprensa, sempre às 17 horas, atualizando boletins epidemiológicos de casos suspeitos e casos confirmados. "Passamos a consolidar os números dos estados, e isso passou a ser a matéria-prima das reportagens, sempre veiculadas com tempo generoso" (MANDETTA, 2020 p. 68). Nem sempre o então ministro participava dos encontros diários com a imprensa, mas, com o aumento dos casos, a presença passou a ser mais frequente.

Relembramos, também, os alertas emitidos pela equipe do Ministério da Saúde (memória discursiva) em relação à importância do isolamento social: "Não tem nenhum avô ou avó que não coloque o neto no colo e beije e abrace, mas é preciso cuidar dos idosos" (GLOBO, 2020) – todos vestindo um colete marrom com SUS escrito em azul. Durante a gestão de Teich, a divulgação de casos confirmados e óbitos passou a ser feita às 19 horas, seguindo nesse horário até 3 de junho de 2020, na coordenação interina de Eduardo Pazuello. Após essa data, os veículos de comunicação passaram a ter acesso aos dados compilados às 22 horas, comprometendo a divulgação em telejornais e veículos impressos. Em 5 de junho de 2020, o Ministério da Saúde também deixou de publicar, em seu *website*, o total de casos e mortes acumulados desde o começo da pandemia, limitando-se a informar os confirmados nas últimas 24 horas.

De acordo com informações do jornal O Globo, o Presidente da República teria determinado o atraso na divulgação do balanço diário. Ao ser questionado sobre o retardamento na divulgação, o chefe do Poder Executivo afirmou: Acabou matéria do Jornal Nacional (YOUTUBE, 2020), referindo que o programa, que normalmente começa às 20h30min, não poderia apresentar os dados consolidados em suas edições diárias. Após esse comentário, em entrevista concedida no cercadinho do Palácio do Planalto, Bolsonaro diz que o horário havia sido modificado para que os dados fossem publicados corretamente, e com os óbitos registrados naquele dia, e não em dias anteriores. Na mesma entrevista, ironiza: Depois o pessoal assiste no Fantástico os números certinhos, em referência ao programa veiculado também pela Rede Globo nos domingos à noite.

---

Em 5 de junho, o *site* do Ministério da Saúde que atualizava as informações sobre a doença ficou fora do ar. Quando retornou, em 6 de junho de 2020, apresentava apenas os casos registrados no dia, deixando de fora o número total de mortos e contaminados pela doença e o histórico dos dados. Ações como essas provocaram a criação de um consórcio entre os veículos de comunicação, que se organizaram para obter os dados a partir de contato com as secretarias estaduais de saúde, de forma independente, sem aguardar informações do Ministério da Saúde – com esses movimentos há uma perda da figura do líder, neste caso de Bolsonaro, como representante dos interesses coletivos (BOURDIEU, 2012), fato que fortalece a violência simbólica.

Na pandemia de Covid-19, o negacionismo presente nas manifestações do político desde o mês de março de 2020 ganha força pelo seu reconhecimento (poder simbólico) como líder, e suas palavras são capazes de mobilizar e/ou desanimar o grupo. Seus discursos revelam elementos de uma face “negativa” do poder (FOUCAULT, 2002, 2005) personificada na ironia, no deboche, na falta de transparência, no desrespeito às medidas de saúde, no estímulo à polarização e no desrespeito à imprensa e aos adversários. Na política o “líder” representa o outro, torna presente este outro, que são muitos e não estão lá. Mas o veem. “O poder de representar é concedido pelo indivíduo que, assim estabelece uma relação de força inversa” (WEBER, 2009, p. 12).

As postagens no referido período destacam a convocação de médicos para atuação emergencial, a compra de máscaras, respiradores e testes rápidos, a abertura de leitos de unidade de terapia intensiva, a produção em massa de álcool em gel, a construção de hospitais de campanha e o apoio do exército na logística de distribuição. Os tuítes apontam números: O @govbr convocou 3.391 médicos; 1.202 municípios de todos os estados e DF receberam reforço; Compra de 3.300 respiradores; R\$432 milhões para reforço nas ações; Convocação de mais de 5 mil médicos (Figura 02).



**Figura 02** – *Post* com ações do governo na área da saúde.

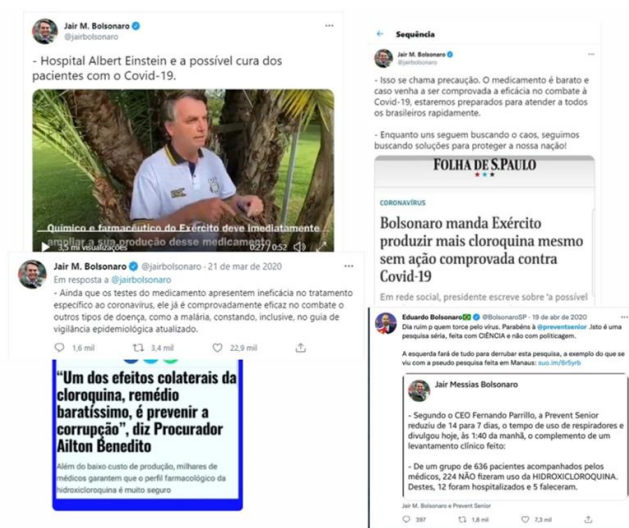


Fonte: Twitter Jair Bolsonaro (2020).

A cloroquina e a hidroxicloroquina ingressam nos discursos de Bolsonaro em 21 de março de 2020 (Figura 03), quatro dias após a divulgação do primeiro óbito no Brasil. Na postagem, escreve: Hospital Albert Einstein e a possível cura dos pacientes com Covid-19, seguida de um vídeo em que anuncia que o exército brasileiro (paráfrase) ampliaria a produção do medicamento. A publicação repercute na imprensa brasileira. Na sequência do vídeo publicado, Bolsonaro posta um print de manchete divulgada pelo jornal Folha de São Paulo e declara que seu governo busca soluções para proteger o país, enquanto outros (polissemia de discursos), referindo-se ao jornal, buscam o caos (Figura 04).

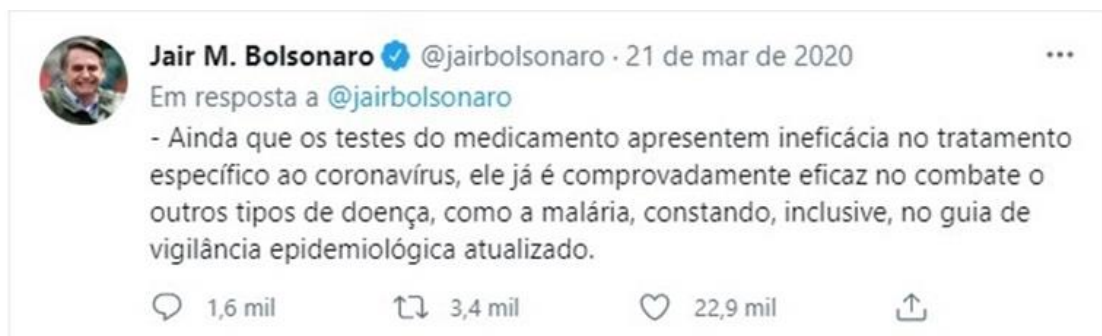
Em continuidade, segue na defesa do medicamento e de sua utilização, argumenta que ainda não há comprovação de sua eficácia contra a Covid-19, mas escreve que a cloroquina é segura por já ser utilizada em doenças como a malária (Figura 04) (paráfrase que confunde o leitor). A polissemia de discursos se mostra mais uma vez, quando o presidente fala em possível cura, gerando um efeito de sentido de esperança e expectativa, aliado à reputação de um hospital de relevância internacional como o Albert Einstein em São Paulo.

**Figura 03** – Cloroquina e hidroxicloroquina são pauta de postagens do presidente.



Fonte: Twitter Jair Bolsonaro (2020).

**Figura 04** – Post de Bolsonaro defende a cloroquina, mas admite falta de comprovação científica para seu uso contra a Covid-19.



Fonte: Twitter Jair Bolsonaro (2020).

Assim como Mandetta, o segundo ministro da saúde do Governo, Nelson Teich, deixou o cargo devido a divergências com o chefe em razão da cloroquina. Em 11 de maio de 2020, quatro dias antes de sua saída, enquanto concedia entrevista coletiva

---

orientando hospitais e postos de saúde a atuarem no tratamento preventivo, evitando, em seu entendimento, a lotação das Unidades de Terapia Intensiva (G1, 2020), foi surpreendido por uma pergunta de um jornalista em relação a uma fala de Bolsonaro instantes antes, em frente ao Palácio do Planalto, relacionada a um decreto que seria publicado naquele dia tornando academias de ginástica, barbearias e salões de beleza como atividades essenciais. O ministro, ao ser questionado pela imprensa se havia participado da decisão, informa que não tinha conhecimento dos fatos e que decisões como essas cabiam ao Presidente da República e ao ministro da Economia, Paulo Guedes<sup>7</sup>.

Exemplos como a decisão de liberar a abertura de salões de beleza e as academias de ginástica sem compartilhar antes a informação com o gestor da área da saúde ou desautorizá-lo em uma reunião com empresários demonstram em Bolsonaro características das lideranças autocrático-burocráticas (BERGAMINI, 2009), em que predomina a centralização, são fixadas diretrizes sem participação do grupo, e qualquer questionamento sobre as ordens recebidas é considerado insubordinação. Também, como sugere Orlandi (2005, p. 82), o discurso autoritário se apresenta, a polissemia é contida, e o locutor se coloca como agente exclusivo, apagando o contato com qualquer interlocutor.

Ao longo da pandemia, diversas vezes o sujeito em análise questionou a utilização de máscaras de proteção ou minimizou sua eficácia. No Twitter não há registros de publicações estimulando a utilização do equipamento nem de fotos ou vídeos com máscara. Em fevereiro de 2021, no dia em que o Brasil registrou 1.582 novas mortes por Covid-19 (UOL, 2021), afirmou em sua live semanal que máscaras e isolamento não eram eficazes e prejudicavam as crianças, causando irritabilidade, dor de cabeça e dificuldade de concentração.

---

<sup>7</sup> Ao jornalista que lhe informa sobre o decreto, Teich pergunta: “Isso aí saiu hoje?”. E continua: “Não passou [pelo Ministério da Saúde], não é atribuição nossa. Isso é atribuição do Presidente da República” (TV BRASIL, 2020).

### Considerações...

Em nosso entendimento a principal liderança política brasileira apropria-se de um discurso populista (WEBER, 2020) e autoritário (ORLANDI, 2005), que estimula as disputas de verdades discursivas entre a política, a religião, a lei, a ciência, e outros atores sociais. Em suas falas as expressões povo, ou nosso povo, tradicionais na retórica populista (WAIMBERG, 2018), repetem-se por mais de dez vezes – “significado implicado na manifestação, e por ser vago e impreciso o povo ora inclui e ora exclui atores e grupos variados, dependendo das intenções persuasivas do orador” (WAIMBERG, 2018, p. 79). Aristóteles cita, na obra *A Política*, um provérbio desconhecido (2002, p. 177): “Para bem comandar é preciso ter antes obedecido”. Nos questionamos, Bolsonaro já obedeceu?

Lembramos que, para Foucault (1999), o poder não se dá, nem se troca, nem se retoma, é essencialmente o que reprime – a natureza, os instintos, uma classe, indivíduos. Também não é um bem possuído por todo ser humano e que pode ser somado ou subtraído por meio de contrato, mas enquanto relação de força que se exerce em rede, na qual “não só os indivíduos circulam, mas estão sempre em posição de ser submetidos a esse poder e também de exercê-lo” (FOUCAULT, 1999, p. 35).

Ainda, o que constatamos em seus discursos foram disputas de interesses e de sentidos ideológicos (ORLANDI, 2005). Não-ditos que tudo dizem (FOUCAULT, 2008 p. 28), pela análise histórica, que busca uma repetição, ou que se destina a ser interpretação ou “escuta de um já-dito que seria, ao mesmo tempo, um não-dito, em jogos de uma “ausência sempre reconduzida”. Conforme nos aponta Foucault (2008, p. 28-29), cabe ao analista estar pronto para acolher cada momento do discurso em sua “irrupção de acontecimentos”, nessa pontualidade em que aparece e nessa dispersão temporal que lhe permite ser “repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado até nos menores traços, escondido bem longe de todos os olhares” (FOUCAULT, 2008, p. 28-29).

---

Na tática de silenciamento de quaisquer argumentos contrários que o autoritarismo se firma (SOUZA COSTA, SILVEIRA, 2018), na “ambiguidade e na vaguidade” (WAIMBERG, 2018, p. 73) que dão espaço para os efeitos de sentidos polissêmicos, a imprecisão, “com o orador livrando-se da obrigação de apresentar provas que sustentem seu argumento”. Para Souza Costa e Silveira (2018, p. 33) o vozeamento, a insistência no debate e na argumentação “devem ser intensificados, para que os vieses autoritários não preponderem”. A liderança autoritária [e populista] de Jair Bolsonaro desconsidera que a democracia se faz com a pluralidade e com o diálogo.

### **Referências bibliográficas:**

BERGAMINI, Cecília Whitaker. Liderança: administração do sentido. São Paulo: Atlas, 2009.

BERGAMINI, Cecília Whitaker. Liderança: a Administração do Sentido. RAE-Revista de Administração de Empresas, v. 34, n. 3, maio-jun, p.102-114, 1994. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-75901994000300009&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75901994000300009&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 13 out. 2020.

BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. 16ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. 16. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007a.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. 15 ed. São Paulo: Loyola, 2007b.

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade: A vontade de saber. v.1. 19 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

GASTALDO, Édison. Goffman e as relações de poder na vida cotidiana. Rev. bras. Ci. Soc., São Paulo, v. 23, n. 68, p. 149-153, out. 2008. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69092008000300013&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092008000300013&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 19 jul. 2022.

---

JOHN HOPKINS UNIVERSITY & MEDICINE. Coronavirus Resource Center. Disponível em: <https://coronavirus.jhu.edu/map.html>. Acesso em 18 jul. 2022.

ORLANDI. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios & procedimentos*. 8 ed. Campinas: Pontes, 2009.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi et al. 3ª ed. Editora da Unicamp, Campinas, SP, 1997

PÊCHEUX, Michel. *Estrutura ou acontecimento*. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. 4ª ed. Pontes, Campinas, SP, 2006.

SANTAELLA, Lucia. Desafios da ubiquidade para a educação. *Revista Ensino Superior Unicamp*, v. 9, 2013, p. 19-28. Disponível em: <https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/artigos/desafios-da-ubiquidade-para-a-educacao>. Acesso em: 29 jan. 2022.

SANTAELLA, Lucia; LEMOS, Renata. Inflow vs. Outflow: Twitter e microdesign de ideias. *In: SANTAELLA, Lucia; LEMOS, Renata. Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter*. São Paulo: Summus, 2010a.

SANTAELLA, Lucia; LEMOS, Renata. Visualizando laços sociais no Twitter: o continuum na era dos fluxos. *In: SANTAELLA, Lucia; LEMOS, Renata. Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter*. São Paulo: Summus, 2010b.

SANTOS, Romer Mottinha; CIOCCARI, Deysi. DE MORAES, Thiago Perez Barbardes. *Mediapolis*, n. 10, 2020. Disponível em: [https://impactum-journals.uc.pt/mediapolis/article/view/2183-6019\\_10\\_5](https://impactum-journals.uc.pt/mediapolis/article/view/2183-6019_10_5). Acesso em 26 jan. 2022.

TERRA, Carolina Frazon. *Usuário-mídia: a relação entre a comunicação organizacional e o conteúdo gerado pelo internauta nas mídias sociais*. 2011. 217 f. Tese (Doutorado em Interfaces Sociais da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São

---

Paulo, 2011. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-02062011-151144/pt-br.php>. Acesso em: 13 jan. 2022.

THOMPSON, John B. Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995, 427 p.

WAIMBERG, Jacques Alkalai. (2018). Mensagens fakes, as emoções coletivas e as teorias conspiratórias. In Galáxia (São Paulo, online), ISSN: 1982-2553, n. 39, set-dez., p. 150- 164. Disponível em: [//bit.ly/2Vw4W0w](https://bit.ly/2Vw4W0w). Acesso em: 9 de Jan 2022.

WEBER, Maria Helena. Na Comunicação Pública, a captura do voto. LOGOS 27: Mídia e Democracia, Rio de Janeiro, ano 14, p. 21-42, 2007. Disponível em: [http://www.logos.uerj.br/antigos/logos\\_27/logos\\_27.htm](http://www.logos.uerj.br/antigos/logos_27/logos_27.htm). Acesso em: 19 jul. 2022.